

ENTREVISTA

BUTOR E MICHEL LAUNAY: UM DIÁLOGO SOBRE A MORTE

Michael Butor, um dos representantes do novo romance francês recebeu, em 1957, o prêmio Renaudot pelo seu romance *La Modification*. Trabalhador incansável, sua obra engloba, hoje, uma série de títulos (*Passage de Milan*, 1954. *L'emploi du temps*, 1956. *Le génie du lieu*, 1958), aos quais se acrescentaram neste ano *Vanité* e *Envoi*. *Vanité* foi baseado no diálogo de Butor com dois amigos. Um deles, Michel Launay, autor de uma tese que é uma excelente contribuição ao estudo de Rousseau, esteve no Brasil durante três anos como professor da USP. O testemunho foi recolhido por Cecília Zokner em maio deste ano, em Nice onde ambos residem. O de Michel Butor no dia 4 de maio, na sua casa, Antipodes, às 11 horas da manhã de um domingo chuvoso, logo após o passeio com seu cão. No dia 5, num pequeno restaurante perto da Faculdade, em meio a conversas de estudantes sobre a greve que já durava três meses, Michel Launay falou sobre a sua participação na obra.

Michel Butor:

Vanité se origina de uma conversa com dois amigos, um dos quais é Michel Launay e o outro o pintor Henri Maccheroni. Uma conversa que teve lugar na primavera aqui mesmo no terraço e que foi gravada. Foi sobre esse material gravado que eu trabalhei, refazendo-o inteiramente. A publicação foi feita pela Editora Balland porque o editor Jacques Borel é um de meus amigos e naquele momento ele vinha passando por dificuldades e pediu para publicar um livro meu. Dei-lhe, então, esse pequeno texto. Porém, não estou satisfeito com a edição. Eu havia feito uma nova versão do texto, acrescentando um certo número de elementos do cenário, procurando transmitir sutilmente o cair da noite sobre Nice. Eles, no entanto, se enganaram e imprimiram a primeira versão em lugar da edição definitiva. Evidentemente, isto me desgostou muito e dentro de um certo tempo publicarei o texto definitivo numa coletânea, porém, em outro editor. Ou seja, no momento, não é exatamente como eu gostaria. Na verdade, é muito difícil ser escritor e conseguir que os livros sejam publicados como se quer. Os editores têm uma tendência terrível para mudar as coisas, surpreender. Então, é preciso estar muito atento.

Vanité, como eu dizia, é um diálogo entre três amigos. Para separar um pouco o texto da conversa real que aconteceu, para

mostrar bem que foi transformada, dei aos interlocutores nomes latinos: Pictor, Scriptor e Viator. Não há problema para reconhecer no Pictor o pintor. Escriptor que em latim quer também dizer o secretário (e isto é um pouco de brincadeira) é o escritor Michel Launay. Viator sou eu, porque se Michel Launay, como também Henri Maccheroni, viajam muito, provavelmente, quem viajou e quem, ainda, viaja mais, sou eu. Além disso, estes nomes latinos evocam um livro de Claudel, de que eu gosto muito, e que se chama **Conversation dans le Loir et Cher**, um conjunto de quatro diálogos nos quais Claudel deu aos interlocutores nomes latinos. Para mim é um dos mais lindos livros de Claudel e é por isso, aliás, que dei como subtítulo a **Vanité, Conversation dans les Alpes Marítimes**. É, de certa maneira, uma homenagem ao livro de Claudel.

Michel Launay:

Na primeira página do livro, Michel Butor diz que ele foi feito com Henri Maccheroni, o pintor, e Michel Launay, o professor universitário. Fui convidado, então, por ele e pelo pintor para participar de um diálogo sobre a morte, cujo objetivo seria a publicação de um livro que tinha sido encomendado por determinado editor. Michel Butor transcreveu a gravação da nossa conversa e como ele mesmo diz, a desfez, transformou e depois tornou a tecê-la elaborando um novo texto de ritmo muito mais rápido, muito mais **allegro** que o original. A morte era o tema do livro e propus começar a discussão sobre a palavra com todas as sonoridades que ela evoca para nós. Minhas palavras se originaram do sentimento pela mãe e de minha mãe, em 1967; é a elaboração do luto que continua a se produzir em mim, dez anos depois. A discussão do tema com Butor e Maccheroni que são, também, por diferentes razões, muito sensíveis a esse tema, ajudou-me a superar a dor que sinto pela perda de minha mãe. Para mim, o jogo com as palavras começou antes, ao escrever um prefácio para um conjunto de novelas quando se alinhavam as palavras "mãe", "amargo", "morte" (mère, amère, mort). E Butor, ao refletir sobre a escritura, sobre o trabalho do escritor disse, em muitas páginas de **Répertoire**, que, por definição, o escritor é alguém que está construindo o seu próprio túmulo. Porque, ao escrever, o escritor se afasta da vida, sem, no entanto, deixar de entreter com ela uma ligação, pois escreve o que vive, mas, vivendo pelo ato de escrever, sofre um corte em relação com a vida que o separa do resto dos vivos. Por outro lado, ao escrever, ele já está começando a morrer, na medida em que se separa da vida, mas, ao mesmo tempo, prepara o seu túmulo para

cintuar a nele viver com a ajuda do leitor que, ao abrir o seu livro, o desenterra e faz com que reviva. Existe em Butor uma meditação sobre a relação entre a escritura e o suicídio que vai bastante longe e que aparece no texto *Vanité* como um dos elementos, entre outros, de diálogo. Mas ele discorre sobretudo sobre o elemento principal: a natureza morta, Vaidade, que significa na tradição pictural européia, a partir do século XVI, natureza morta. Nessa época, o quadro que representasse objetos, não era chamação de natureza morta, mas, partindo de uma meditação sobre a morte praticada pelos monges, Vaidade. Nele havia, então, uma caveira, os símbolos da morte confrontados com as vaidades e os prazeres deste mundo. O título *Vanité* é, claramente, uma referência à pintura de todo o Ocidente que desde a Idade Média, a partir do crânio, do esqueleto e da evocação dos pecados e dos prazeres medita sobre o tema que continua a perseguir os pintores contemporâneos: há sempre um crânio a passear em cada quadro. Um outro elemento que posso acrescentar para explicar a minha participação positiva no diálogo e que foi recuperada por Butor no seu texto é justamente ligada ao Brasil. Quando lá estive entre 1972 e 1975, conheci os irmãos Vilas Boas, que me mostraram um filme rodado na reserva do Xingu. Fiquei profundamente chocado pela relação dos índios com o animal que eles estavam caçando e matando, pela inocência com a qual eles matavam. Ou seja, o ato de matar o animal ou o homem, neles não está ligado a uma idéia de pecado. É um ato de alegria ligado ao ciclo da vida, do reinício da vida. As minhas idéias européias viam pecado e vergonha nas coisas naturais. É culpa em relação à morte, ao ato de matar, ainda que legitimamente. Entre os índios, a inocência das cenas de caça, do tratamento do animal morto, era bem clara. Lembrei esse episódio porque em *Vanité* na tentativa de lutar contra os tabus ocidentais relacionados com a morte, Butor faz questão de abordar justamente esses assuntos que são evitados.